

## OLHARES, VOZES, CORPOS E ENSINOS DE FILOSOFIAS

Flávio de Carvalho\*

**Resumo:** Este artigo oferece uma discussão sobre Ensino de Filosofia, adotando a compreensão da diferença e da diversidade como elementos constitutivos do fazer Filosofia e do ensinar Filosofia. O ponto de partida que adoto são questões sobre a docência e a formação de professores, e apresento sua vinculação com questões epistêmicas, pedagógicas, políticas e éticas. Por meio da apresentação das relações entre sujeito, saber, discurso, poder e sujeição poderemos pensar a vida dinâmica e tensa no exercício de filosofar e de ensinar a filosofar. No momento final da discussão, indicarei a emergência de algumas situações de abertura para tratar a diferença na Filosofia e no seu ensino, em que se adotam diversos temas, questões e modos de filosofar, em que destacamos as questões de gênero e de decolonialidade. Também indicarei algumas experiências institucionais exitosas como o GT Filosofar e Ensinar a Filosofar e o Mestrado Profissional em Filosofia (PROF-FILO) como dois movimentos importantes de abertura e de ampliação do pensamento filosófico no Brasil.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia; Educação Filosófica; Formação de Professores; Diferença; Diversidade.

**Resumen:** Este artículo ofrece una discusión sobre la Enseñanza de la Filosofía y adopta la comprensión de la diferencia y de la diversidad como elementos constitutivos para hacer la Filosofía y para enseñarla. Adopto preguntas sobre la docencia y la formación docente como punto de partida, y presento su vínculo con cuestiones epistémicas, pedagógicas, políticas y éticas. A través de la presentación de las relaciones entre sujeto, conocimiento, discurso, poder y sujeción seremos capaces de reflexionar sobre la vida dinámica y tensa relacionada con el filosofar y el enseñar a filosofar. En el momento final de la discusión, señalaré el surgimiento de algunas situaciones de apertura para abordar la diferencia en la Filosofía y en su enseñanza, en las que se adoptan diversos temas, preguntas y formas de filosofar, de éstas se destacan las cuestiones de género y descolonialidad. Señalaré también algunas experiencias institucionales exitosas como el Grupo de Trabajo Filosofar e Enseñar a filosofar y el Máster Profesional en Filosofía (PROF-FILO), tomándolos como dos movimientos importantes para la apertura y expansión del pensamiento filosófico en Brasil.

**Palabras claves:** Enseñanza de la Filosofía; Educación Filosófica; Formación docente; Diferencia; Diversidad.

### Considerações iniciais

Este artigo é motivado por e é consequência de um debate ocorrido durante a realização de uma mesa redonda intitulada “Formação docente no Ensino de Filosofia: olhares múltiplos e rotas compartilhadas”, que fez parte da sexta edição do Encontro Nacional do GT Filosofar e Ensinar a Filoso-

far, vinculado à ANPOF. O evento realizou-se nas dependências da Universidade Federal do Maranhão, no campus de São Luiz, no período de 15 a 17 de outubro de 2019.

A discussão aqui desenvolvida foi construída a partir da vivência que tenho com a investigação e a docência em Filosofia, notadamente, na área epistêmica do Ensino de Filosofia. De modo que a escrita deste artigo possui um caráter ensaístico e, sendo assim, prescinde de citações e referências

---

\* Flávio José de Carvalho é Doutor em Filosofia e Professor da Universidade Federal de Campina Grande. E-mail: flavio.carvalho@ufcg.edu.br

à pensadoras ou pensadores da Filosofia e da Educação. Todavia nos mantemos em diálogo com conceitos e compreensões que a leitora e o leitor poderão identificar na tecitura do texto durante suas leituras.

O texto possui dois movimentos que se comunicam e se revezam num corpo único de desenvolvimento discursivo, por isso é melhor falar em *movimentos do texto* em vez de partes do texto. Por meio destes movimentos, tecidos entre si, eu apresentei a necessidade de pensar duas questões de forma igualmente associada: em um movimento, indiquei *a questão de pensarmos a Filosofia, como campo epistêmico e como exercício do pensamento, de modo plural*, reconhecendo que a diversidade é um elemento constitutivo do fazer Filosofia em toda a sua história. Entretanto, há pessoas cujas posturas assumem uma compreensão restritiva e, por conseguinte, limitam e lamentavelmente segregam (marginalizam) tudo o que não reconhecem como filosófico, não admitem seja a diferença de conceitos seja as pessoas que os elaboram. Por isso, convoco a leitora e o leitor a pensarem a vinculação entre o elemento epistêmico, o político e o ético. No outro movimento, eivados pelos argumentos já apresentados, isto é, sobre a característica de diversidade constitutiva da Filosofia, vamos (a leitora, o leitor e eu) *pensar a questão do ensino de Filosofia e da Educação Filosófica na admissão da pluriformidade e da plurivocidade*, ou seja, considerando os modos plurais e as vozes-olhares-corpos plurais que constituem o processo de ensinagem e de aprendizagem de Filosofia. Destaco que a discussão sobre esse processo e também sobre os modos plurais mencionados convoca-nos a pensar os sujei-

tos participantes do exercício filosófico, sua formação intelectual e profissional, bem como seremos provocados a pensar juntas(os) o sexismo e o eurocentrismo no contexto filosófico brasileiro, seja na academia seja na escola. Sendo assim, novamente, nos encontraremos envolvidas(os) nos elementos epistêmico, político e ético.

### **Em prol de olhares-vozes-corpos – outros e plurais – no ensino de Filosofia.**

O título deste artigo manifesta nossa compreensão de que a pluriformidade e a plurivocidade são constitutivas do ensino de Filosofia e, por conseguinte, oportunizam formas plurais de ensinar a Filosofia e o filosofar. Sendo assim, nossa discussão parte da compreensão de que há *modos diversos e diferentes de existir (modos de pensar-atuar)<sup>2</sup>* no e do ensino de Filosofia, ou seja, não há um único modo de ensinar Filosofia (aqui, reside também o problema se isto é possível, se é factível), tampouco há uma única corrente ou orientação teórico-procedimental sobre ensino de Filosofia, menos ainda admitimos uma unidade-uniformidade epistêmica acerca do que é o ensino de Filosofia.

Diante do exposto, inicialmente, convido a leitora e o leitor a se permitirem estar em um território epistêmico, isto é, um campo de construção de saberes no qual se manifestam diversas possibilidades de vivenciar exercícios de pensar, de filosofar, de ensinar Filosofia – campo no qual inclusive se questiona se isto é possível – campo no qual não se admite a existência de apenas uma Filoso-

---

<sup>2</sup> Utilizo a forma verbal “atuar” e não “agir” para dar ênfase ao movimento de “ser autor no exercício de pensar”.

fia, a Φιλοσοφία, ao contrário, nele se reconhecem quer as *diferentes filosofias* – aquelas correntes ou aqueles sistemas bastante divulgados, que gozam de notoriedade acadêmica – quer as *filosofias diferentes* – aquelas correntes fragmentárias e os não-sistemas menores e marginais/marginalizados. Para ler este artigo é necessário permitir-se *ouvir-ver-reconhecer*, melhor ainda, permitir-se *auscultar-fitar-(con)viver* as *vozes-olhares-corpos diferentes* no e do ensino de Filosofia. Aqui, não há unidade, não à unidade aqui. Em nossa discussão tudo é extremamente plural, de modo que deveremos mais adequadamente nos referir a *ensinos de Filosofias*<sup>3</sup>.

Ademais, o título revela duas implicações que reconhecemos como vinculadas, dois debates necessários nos âmbitos do exercício da docência e no da formação de professores, ou seja, à guisa de corolário, a admissão da pluriformidade e da plurivocidade no território epistêmico e pedagógico do ensino de Filosofia nos provoca a discutir possíveis implicações éticas e políticas nos âmbitos acima mencionados, sendo assim, incorremos em um debate ético e um debate político sobre a docência e sobre a formação docente.

Estes debates nos apresentam e nos mobilizam a questionar sobre a diversidade de concepções e posturas sobre e no Ensino de Filosofia (o que é o Ensino de Filosofia? o

que é a Filosofia? o que é filosofar? o que é ensinar Filosofia ou ensinar a filosofar? e também quem e onde filosofa e quem e onde ensina a filosofar?) Os mesmos debates nos conduzem a enfrentar questões correlatas: quem institui o que é e o que não é (Filosofia e Ensino de Filosofia)? quais relações constituem os processos de indicação do que pode e do que não pode (no exercício do filosofar e no ensino de Filosofia)? e, também, qual é o elemento (ideia, pessoa, compreensão ou cultura) marginalizado nestas relações de poder e de saber?

Decerto que o exercício filosófico que traçamos nos parágrafos anteriores não é factível – com a densidade e a extensão conceitual necessárias – dentro dos parâmetros que se prescrevem e que competem a um artigo científico. De modo que algumas situações, problemas e questões serão aqui apenas indicadas à leitora e ao leitor, sendo quicá relevantes e férteis para futuros debates e futuras escritas, minhas ou de outrem.

A existência pluriforme no ensino de Filosofia se manifesta nos diversos modos de ensinar e aprender Filosofias e filosofares, e esta é uma marca indelével do exercício de ensinar Filosofia nos dias atuais. Por isso, é imprescindível que seja esclarecido que neste artigo eu não adoto e não quero construir um modo modelo de ensinar Filosofia, ao contrário, quero evidenciar que, contemporaneamente, há vários modos de ensinar Filosofia dividindo o espaço escolar e o discurso epistêmico no Brasil. No exercício da minha docência, na participação em debates acadêmicos em vários locais deste país e no acompanhamento de algumas pesquisas em desenvolvimento, tenho observado afirmações individuais ou coletivas sobre o que

<sup>3</sup> Em vista do bem do estilo da língua portuguesa, e mesmo para o conforto da leitora e do leitor, utilizaremos a terminologia ensino de Filosofia, como é regularmente utilizado na literatura especializada nacional. Porém, em todo o artigo adotamos esta noção plural, ensinos de Filosofias, utilizando o termo mesmo se for pertinente à ênfase na construção do argumento.

não se quer, isto é, diz-se que não se quer um ensino de Filosofia mnemônico, historiográfico e de ilustração<sup>4</sup>. Não obstante eu também assumo esta perspectiva, entendo que devemos reconhecer neste processo de aprendizagem e ensinagem também um modo possível de existir como ensino de Filosofia, talvez este modo seja um dos mais antigos, talvez o que formou a maioria de nós, professoras e professores, que trabalhamos atualmente na formação docente no Brasil. Dito isto, reitero que neste artigo meu foco está nos *modos outros* de ensinar Filosofia, modos disfuncionais, modos erráticos, modos rizomáticos, modos coletivos, modos regionais, modos socialmente engajados.

Porém, a mim incomodam as hierarquizações que construímos para os modos de filosofar, que distinguem e, o pior, separam as pessoas, as filósofas e os filósofos, as(os) filósofas(os)-docentes, de acordo com as compreensões e as atuações que assumam. Ora, se o exercício do pensamento pode acontecer de vários modos, se filosofar é um exercício do pensamento, como distribuir em “castas” aquelas(es) que filosofam? Diante desta situação fica fácil de observar que toda adoção de uma postura epistêmica implica a entrada em um campo político e ético, pensar é já um ato político, pensar constrói já uma orientação moral, de modo que *não é possível pensar-atuar sem politizar e moralizar*. Devemos protestar veemente-

---

<sup>4</sup> Mnemônico porque privilegia a memorização de informações filosóficas (nomes de filósofas(os), suas obras e conceitos); Historiográfico porque privilegia um itinerário linear e crescente na história da Filosofia, dados de períodos históricos; De ilustração porque as(os) estudantes aprendem as “informações filosóficas”, porém não fazem o exercício de filosofar sobre os problemas e os conceitos filosóficos.

mente contra as situações e os discursos que constroem moralizações segregadoras, que marginalizam pessoas, discursos e culturas, que submetem alguém que tem pensamentos outros a alguém que tem outros pensamentos<sup>5</sup>.

A existência plurívoca no Ensino de Filosofia se manifesta nas diversas vozes que ensinam e aprendem filosofias e filosofares. Às vezes eu agrego os olhares e os corpos, daí o uso do termo vozes-olhares-corpos. Trata-se de vozes que manifestam aquilo que os olhos seletivamente captam – todo olhar é seletivo, inclusive quando ele pretende ser panorâmico e inclusivo; trata-se de vozes-olhares que manifestam corpos e corporalidades, corpos coloridos, sexuados, ancestrais, sujeitadores e assujeitados, silenciadores e silenciados, corpos trans e inter, as pluricorporalidades nos corpos. Somos todas e todos voz-olhar-corpo.

Com base nesta compreensão, convoco a leitora e o leitor a pensar sobre o isonômico direito de quem quer que seja de falar a partir do seu lugar de fala com sua compreensão, corporalidade e territorialidade. E não se trata de dar voz. Não há o que conceder por que não há o que ser concedido. A fala e o lugar de fala pertencem de modo inalienável às(aos) suas(seus) autoras(es). Lugares de falas na Filosofia e no ensino de Filosofia manifestam modos de filosofar, são lugares filosofantes em que as vozes se reconhecem e se assumem como autoras, como criadoras. O lugar de fala filo-

---

<sup>5</sup> Sinto-me inquieto com os modismos tanto quanto com os dogmatismos, posto que não teriam ambos um movimento comum, pois pretendem ser superiores, constroem distintivos segundo o pertencimento a esta ou aquela ideologia e por conseguinte arquitetam critérios de exclusão?

sófica, como exercício de filosofar, também é dialógico, não pode comportar uma postura de isolamento, tampouco de segregação. Neste lugar é preciso que se construa o reconhecimento de poder filosofar na mutualidade e na solidariedade, reconhecendo que filosofar é um ato de dialogar, de ouvir e falar em proporções isonômicas. O lugar de fala é sempre meu, porém, o território de construção do diálogo filosófico é sempre nosso.

Esta compreensão e esta postura repercutem na sala de aula de Filosofia oportunizando que o exercício do filosofar seja prioridade, que o conteúdo filosófico seja utilizado para exercitar os diversos lugares de fala que se personificam nas vozes-olhares-corpos das(os) estudantes e das(os) professoras(es) de Filosofia. Não se trata de afirmar que “todo mundo é filósofo”, mas que “todo mundo é capaz de pensar filosoficamente”. Não se trata de desmerecer a competência filosófica do especialista, do docente de Filosofia que, igualmente a partir dos seus lugares de fala, agrega conhecimento, experiência do pensamento e produção intelectual, tudo construído segundo muito esforço e muita dedicação. A(o) filósofa(o)-docente é aquela(e) que filosofou antes e por mais tempo quando comparadas(os) ao corpo discente.

A postura e a fala da(o) filósofa(o)-docente não devem obnubilar a voz recente e inexperiente (em termos de Filosofia) da(o) estudante, antes devem reconhecer nela o gérmen da curiosidade que desnaturaliza, do incômodo com as situações cotidianas, da violência que é pensar, da dor e do prazer de lançar-se no caos da realidade, da vitalidade de fazer Filosofias. Estas(es) profissio-

nais reconhecem que são vozes que também podem (e querem) falar de seus locais de origem e de vida, que querem estar na Escola (ou mesmo na Academia) sem abdicar de suas raízes regionais, sem cobrir seus corpos diversos e interseccionais, sem esterilizar suas tradições e ancestralidades.

Preocupa-me observar que a voz do especialista em Metafísica silencia a voz do especialista em Ontologia Bantu. Preocupa-me observar como a voz do especialista em imperativo categórico silencia a voz do especialista em rizoma e vice-versa. Como se não houvesse algo que os unisse, o exercício do pensar filosoficamente construído segundo o que se adota como Filosofia. Estaria em um e não em outro a potência de pensar de modo desnaturalizador, crítico ou interventivo a realidade que se vive? No âmbito do ensino de Filosofia, não admitir a potência filosofante do outro (sujeito ou coletivo) mobiliza uma espécie de Pedagogia do Esquecimento, que voluntariamente promove discursos orais e escritos, produz posturas e práticas, tudo repetida e diuturnamente feito para excluir (fazer esquecer) algo e instituir outro algo como único, natural e normal. A leitora e o leitor devem estar reconhecendo novamente as implicações políticas e éticas que se vinculam à questão da plurivocidade do Ensino de Filosofia.

Falar de multiplicidade implica em tratar de coletividade. Neste artigo, de modo específico, significa tratar de modos de fazer coletivo, reconhecendo a diversidade de filosofares e de práticas educativas de Filosofia, de exercícios plurais com Filosofias: exercícios com filosofares mais dedicados à exegese textual, exercícios mais dedicados à construção de vinculações com a lida do dia a

dia, exercícios mais dedicados à didática da situação de ensino e aprendizagem e *exercícios outros* dedicados a problemas pouco (ou não) tratados na história da Filosofia, como as questões de gênero e as identidades ancestrais. Convém destacar que com estas indicações não esgotamos a lista crescente de questões filosóficas para nossos filósofos contemporâneos.

Porém, o discurso sobre a existência de diversidade de Filosofias e de filósofos não passa incólume a críticas desqualificadoras. Apesar do fato de que numa mesma época histórica, numa mesma instituição de pesquisa ou de ensino, num coletivo de filósofas e filósofos podem conviver diversas posturas e atitudes filosóficas, lamentavelmente constatamos que há dificuldades de aceitação recíprocas, as quais são potencializadas por atitudes pouco intelectuais ou pouco humanitárias, que parecem vincular o discurso diferente às adjetivações de “inimigo” ou de “inferior”. O discurso diferente, portanto, é tomado como gerador de ameaças a uma sólida e tradicional cultura filosófica ou é menos filosófico, respectivamente por difundir modos de vivenciar e de produzir discursos filosóficos diferentes e mesmo divergentes ou por possuir metodologia de investigação filosófica considerada inadequada. Ambas percepções, por si sós, meratórias de discussão filosófica.

No núcleo de nossa discussão neste artigo está o problema de como conviver e trabalhar com modos diversos de filosofar, como elaborar coletivamente e na diversidade de Filosofias, reconhecendo a diferença como condição epistêmica constitutiva do exercício filosófico, da investigação filosófica, reconhecendo a absoluta pluralidade das

Filosofias – sendo suficiente para tanto percorrer a História da Filosofia no Ocidente, a qual, seguindo esta perspectiva de reconhecimento da diferença e da diversidade, deve conter o registro de outras “Histórias das Filosofias”, Histórias de Pensamentos radicais, críticos e propositivos tanto quanto o Pensamento desenvolvido a partir da Grécia e nomeado de Filosofia. Pensamentos oriundos da África – ou das Áfricas, oriundos da Abya Yala<sup>6</sup> – ou das Abya Yala, e tantas outras experiências de Pensamentos, até bem pouco tempo – ou ainda hoje em alguns locais e por algumas pessoas – não incluídas ou não reconhecidas nos tratados de História da Filosofia.

Tenho uma preocupação. Depois de mais de duas décadas de atividades intelectuais e profissionais com Filosofia, que me deram oportunidade de ler e ouvir grande quantidade de discursos (de oposição, de ataque e mesmo de ofensa) construídos por filósofas e filósofos cuja formação intelectual fora conduzida pelo sólido conhecimento da História da Filosofia no Ocidente e pela exegese de textos entendida como a mais importante habilidade filosófica a ser desenvolvida, filósofas e filósofos cuja formação e dedicação ao exercício filosófico são meritórios de menção honrosa, mas que não admitiam haver Filosofia diversa do que foi feita pelos gregos anteriores à era cristã ou não admitiam haver Filosofia para além do discurso produzido na Prússia do século XVIII ou na Alemanha do século XX; depois de mais de duas décadas, me preocupa ler e

---

<sup>6</sup> Abya Yala é o nome dado por alguns povos ancestrais às terras que foram conquistadas e colonizadas a partir do final do século XV d.C. pelos europeus, os quais lhe atribuíram o nome de América. Abya Yala é um marco de contraponto ao colonialismo.

ouvir alguns discursos de oposição, de ataque e mesmo de ofensa a discursos construídos por filósofas e filósofos cuja formação intelectual fora conduzida pelo sólido conhecimento da História da Filosofia e pela exegese de textos, mas que deslocaram suas escutas-olhares-corpos para outras formas de fazer Filosofia, para outros filosofares, e tem trabalhado arduamente para acessar e trazer para a *ágora filosófica* discursos e metodologias filosóficas que foram marginalizadas, cuja discriminação se estendeu às pessoas e às culturas. Às vezes tenho a impressão de assistir a uma cena com trama antiga, porém executada por outros personagens...

Para ambos os discursos e para quem os elabora é necessário compreender que na vida, nas instituições de pesquisa ou de ensino, na Filosofia (vocábulo utilizado aqui apenas para nomear um campo epistêmico) há oportunidade para todos os exercícios filosóficos, para todas as metodologias, os objetos, os problemas, os ensinamentos, os sujeitos, as comunidades, as culturas. Não pode acontecer a destruição do discurso, de quem o profere e da sua cultura pelo fato de serem discurso, falante e cultura diferentes. E não se trata apenas de apelo à convivência, trata-se de reconhecer que a diferença sempre esteve presente nas experiências de filosofar na História da Filosofia, do contrário, como reduzir a um mesmo modo de compreender a Filosofia e o filosofar o pensamento de Platão e o de Nietzsche, ou como reduzir ao mesmo (negando a diferença como elemento constitutivo) o pensamento de Hannah Arendt e o de Angela Davis.

Diante do exposto, resta claro que o antigo e atual debate em torno da questão “o que é a Filosofia?” apresenta vinculações

importantes entre as áreas da epistemologia, da política e da ética, vinculações que são potencializadas em suas problemáticas pelo fato que tais áreas se alinham a compreensões filosóficas específicas que respondem à questão inicial, retroalimentando-se.

Como corolário da situação acima descrita, também o debate em torno do Ensino de Filosofia não se limita a discussões epistêmicas e educacionais. Quem debate o Ensino de Filosofia o faz em torno de compreensões e convenções éticas e políticas. A Academia de Filosofia e a Escola em que se ensina Filosofia são ambientes nos quais diuturnamente se deflagram relações (lutas) de saberes e poderes.

Tenho outra preocupação. Lançamos luzes no embate antigo e novo entre as Filosofias, os filosofares e seus ensinamentos. Nos ocupamos com as políticas de Governos, nos cortes e regulações institucionais que nos últimos anos vêm desmantelando o ensino de Filosofia nas escolas, seja a partir de 2017 com a promulgação da lei n. 13415/2017, Lei do Novo Ensino Médio, que retirou a obrigatoriedade do Ensino de Filosofia no Ensino Médio seja a partir de 2018 com a publicação da Base Nacional Curricular Comum, que tornou invisível o lugar e o papel da Filosofia na Educação Básica no Brasil. Somos atentas(os) a tantos elementos externos, mas precisamos nos ocupar com a mesma intensidade com as lutas internas, com as dificuldades e as deficiências que vivenciamos na Academia e na Escola. As instituições educacionais e aquelas(es) que as fazem funcionar (intelectuais-funcionários) merecem tanto cuidado, tanto acompanhamento quanto aqueles destinados a governantes e administradores estatais, pois são

estas instituições que efetivamente formam, conformam, reformam, deformam, informam os futuros sujeitos filosofantes e as(os) futuras(os) filósofas(os)-docentes.

Neste sentido, observo com inquietação que, em algumas situações, a formação de professoras e de professores de Filosofia ainda conserve certo teor abstrato, genérico e de neutralidade em relação à vida intelectual e à vida profissional: abstrato porque parece não se ocupar diligentemente com as situações do dia a dia da vida em sociedade e das salas de aula brasileiras; genérico porque parece prescindir das variáveis que compõem o processo de ensino e aprendizagem além do elemento cognitivo; e de neutralidade porque parece não considerar as fortes tensões constitutivas do mercado de trabalho, das relações trabalhista no mundo do capitalismo financeiro no qual as futuras e os futuros docentes se inserirão (ou não). Fica a questão: nossos cursos de licenciatura formam trabalhadoras e trabalhadores ou formamos abnegados, embora críticos, missionários da educação?

Com satisfação, porém, tenho observado que estas e outras questões epistêmicas, políticas e educacionais vêm sendo tratados científica e filosoficamente por diversas pesquisadoras e pesquisadores. A *Educação Filosófica no ensino de Filosofia* – entendida como uma composição complexa de compreensões, posturas e ações que viabilizam o *exercício de filosofar* no processo de ensinagem e de aprendizagem de Filosofia – permanece sendo uma tarefa assumida por diversas(os) filósofas(os) nas suas investigações e divulgadas em suas publicações, como temos acompanhado notadamente nas duas últimas décadas. Há pesquisas criteriosas

que se dedicam ao levantamento sistemático destas atividades. É suficiente que a(o) leitora(or), ainda que iniciante nas discussões da *área de Ensino de Filosofia*, lance seu olhar sobre a produção bibliográfica disponibilizada na rede mundial de computadores, e se dará conta da crescente produção de publicações sobre problemas e conceitos, sobre metodologias e didáticas, da crescente criação de grupos de pesquisa e de cursos de formação sobre *a arte poiética de ensinar e de aprender Filosofia*.

E, falando em arte de ensinar e de aprender Filosofia, à guisa de breve digressão, pondero para a leitora e o leitor: está distante de nós (ou não?!), cronologicamente, uma orientação filosófica segundo a qual se praticava o ensino de Filosofia como um processo acentuado (ou mesmo exclusivo) de ensinar informações da Filosofia, de registro mnemônico da biografia e da bibliografia dos filósofos (e não das filósofas), de igual capacidade de memorizar os conceitos principais de cada filósofo (também não das filósofas), de mapear a produção filosófica em várias épocas e territórios geográficos (mas apenas nos territórios ocidental e oriental da Europa). Segundo a orientação mencionada, na tarefa de ensinar informações filosóficas cabiam todos os temas importantes para uma formação sólida em História da Filosofia (este conjunto de “importantes”, entretanto, não possuía questões de gênero, de ecologia, de culturalidades, entre outros). Não tratar, não reconhecer temas e problemas como passíveis de serem filosoficamente tratados é a nosso ver utilizar de uma manobra educativa, uma espécie de pedagogia do esquecimento que faz esquecer o que somos, como somos constituídos, o que podemos



destruir e construir. De acordo ainda com a orientação supramencionada, ser filósofo (e aqui não se evidenciam as mulheres) é reconhecido e outorgado a uma seleta (convenção e instituída) plêiade, cabendo àquelas(es) que se dedicam às leituras, à exegese filosófica ou mesmo às investigações conceituais, por dever epistemológico e moral, se nomearem apenas “estudiosos da Filosofia”. “Ser filósofo não é pra qualquer um!”, vociferam estas(es) ilustradas(os).

Esta orientação filosófica está distante de nós, cronologicamente, porém suas influência e atividade permanecem entre nós, ainda formando nossas jovens mentes filosóficas e instruindo nossas futuras gerações de docentes. Entretanto, há aproximadamente quatro décadas – e esta datação ainda que aproximada se apresenta já como uma questão problemática – várias filósofas e vários filósofos do Brasil, individualmente ou em grupos, têm produzidos discursos e proposituras de investigação filosófica que têm provocado a comunidade filosófica brasileira e as instituições de formação em Filosofia no Brasil para um exercício de revisão crítica de seus pressupostos epistêmicos e metodológicos (de investigação e de formação). Revisão crítica entendida como a colocação em questão dos pressupostos, dos conceitos e das convenções do que se entende por *o que é Filosofia?*, *o que é o exercício acadêmico na Filosofia?*, *o que é ensino de Filosofia?* e *o que é ser filósofa(o?)*.

A criação e a deflagração de tais discursos e proposituras não pretendem instituir um modo de fazer Filosofia que revogue os modos anteriores. Isto seria duplamente incoerente: primeiramente, na medida em que estes discursos emergentes querem evidenci-

ar a pluralidade e a diversidade de objetos, temas, problemas, abordagens, metodologias, implicações, engajamentos, conceitos e linguagens com que podemos vivenciar o exercício filosófico, o filosofar. Não se trata de substituir um modo por outro, trata-se antes de uma *proposta plurimodal* de vivenciar Filosofia; secundamente, na medida em que estes discursos emergentes querem demonstrar que o exercício filosófico pode ser vivenciado por quem quer que seja, independentemente de sua etnia, de seu gênero, de sua raça, de sua localização geopolítica, de sua situação socioeconômica, de sua formação acadêmica, trata-se de uma *proposta plurisubjetiva e interseccional* de vivenciar Filosofia.

Sendo assim, àquela Pedagogia do Esquecimento anteriormente mencionada podemos optar por uma Pedagogia da Memória de Si, cujo ponto fulcral está na auto-compreensão de si e na autosuperação de si. Dizendo de outro modo, se formos capazes de compreender como fomos formados (colonizados, conquistados, política e epistemicamente) e se conhecermos as tensões e as disputas que vivemos e praticamos no exercício filosófico em solo brasileiro durante os mais de quinhentos anos de conquista (europeia e norte-americana), então poderemos construir estratégias de construção filosófica de pensamentos e discursos outros, construir modos outros de filosofar no Brasil, a partir dos nossos vários Brasis, uma filosofia não sexista, não racista, interseccional, preche de ancestralidades e, para lembrar Lélia Gonzalez, de amefricanidades.

Nesta polvorosa de discursos e de proposituras epistemológicas e políticas, da qual observamos suas reverberações nas

discussões sobre *saberes, poderes, subjetividades e coletividades* que ocupam os debates promovidos pelos movimentos de decolonialidade, de interculturalidade, também nos movimentos sobre as questões de gênero, de raça e de ecologia, nesta polvorosa a área epistêmica do Ensino de Filosofia reconhece um momento oportuno (*kairós*) para pensar os processos de ensinagem e de aprendizagem de Filosofia, e também reconhece a pertinência de se repensar e de reposicionar enquanto campo do saber frente à pluralidade de perspectivas, de discursos e de tantas provocações (epistêmicas, sociais e políticas) com as quais nós, filósofas(os), professoras(es) de Filosofia e formadoras(es) de docentes estamos diuturnamente entrando em contato, seja na Academia seja na Escola.

A tarefa de construir uma Educação Filosófica está diante de um grave cenário geopolítico e socioeconômico de desafios e de confrontos (muitas vezes com violência física, psicológica e moral). O aumento de adeptos ao ideário ultraconservador e a volta do fascismo dão sinais de perigo para o bem-estar social, humanitário, ecológico e educacional e a Educação Filosófica deve ser uma proposta que vá ao encontro destes desafios, oferecendo orientações factíveis que preservem a existência integral do ser humano, defendendo radicalmente a *diferença*, a *multiplicidade* e a *criação* seja na existência pessoal e singular, seja na coletividade. Trata-se de um filosofar engajado.

Neste cenário de crise em vários segmentos da vida social, mas também de criação de diversos discursos e proposituras epistemológicas, políticas, educacionais, de vivências plurimodais e plurisubjetivas da

Filosofia, de engajamento social e político do Ensino de Filosofia e do compromisso com a Educação Filosófica, reconheço três movimentos coletivos importantes, em nível nacional no Brasil, que têm oferecido uma relevante contribuição para o pensamento filosófico e para a formação docente em Filosofia: trata-se da existência e da atividade efetiva do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar; trata-se também da existência e da atividade efetiva do Programa de Pós-Graduação em rede em Filosofia (PROF-FILO) e diz respeito, igualmente, à existência de muitos e diversificados Grupos de Pesquisa, com atividades efetivas em todas as regiões geopolíticas do Brasil.

Desde 2006, ano oficial de sua criação, o GT Filosofar e Ensinar a Filosofar tem se constituído como importante *locus institucional* que agrega, de modo democrático, um grande número de filósofas e de filósofos, investigadoras e investigadores que se ocupam com o Ensino de Filosofia, com a Educação Filosófica e com a Formação Docente segundo diversas e diferentes abordagens metodológicas, orientações filosóficas e posturas políticas. Como Grupo de Trabalho vinculado à Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF) tem contribuído para o debate filosófico e educacional tanto no nível da Pós-Graduação quanto no da Graduação, incentivando o pensar e o repensar de nossos cursos de Licenciatura, Bacharelado, Doutorado, Mestrado Acadêmico e igualmente o Mestrado Profissional em Filosofia.

Eis o segundo movimento coletivo importante que indicamos, o PROF-FILO. A gestação da ideia desta formação para professoras e professores de Filosofia da Educa-

ção Básica em nível de pós-graduação já acontecia há muitos anos, porém, desde 2014 se iniciou de modo efetivo a construção do Programa de Mestrado Profissional em Rede em Filosofia, cujas ações culminaram em 2016 na aprovação pela CAPES da criação e do funcionamento do Programa, tendo iniciado suas atividades de ensino e pesquisas no ano de 2017, com atuação em várias Instituições de Ensino Superior que sediam os 16 núcleos da Rede, os quais estão distribuídos em todas as cinco regiões geopolíticas do Brasil. Desde então, esta obra coletiva tem possibilitado o encontro e o compartilhamento de discussões, de estratégias e de atividades compondo uma articulação e compartilhamento de saberes e de fazeres filosóficos. Convém mencionar que as primeiras dissertações já foram elaboradas e defendidas. Os resultados destas investigações já começam a ser disseminados por meio de publicações em periódicos especializados e também pela aplicação das propostas de metodologias e de materiais didáticos para o ensino de Filosofia, as quais são construídas a partir da vivência filosófica e docente oportunizada pelo PROF-FILO. No ano de 2020 haverá o ingresso da quarta turma de estudantes selecionadas(os) no processo seletivo que ocorre anualmente, e quiçá esta Rede possa ser ampliada para mais estados da Federação Brasileira e para mais Instituições de Ensino Superior.

É importante mencionar que há um Programa de Pós-Graduação de Mestrado Profissional em Filosofia e Ensino (PPFEN) com sede no CEFET- RJ, no município do Rio de Janeiro, que também oferece uma importante contribuição para as(os) graduadas(os) em Filosofia e para a formação con-

tinuada das(os) docentes de Filosofia. Não tenho mais informações sobre seu funcionamento, porém, registro a atuação deste Programa de Pós-Graduação que agrega qualidade e diversidade ao cenário filosófico contemporâneo e ao ensino de Filosofia no Brasil.

Por fim, constato que tarefa tão difícil quanto enumerar as rotas possíveis do PROF-FILO e do GT também é a de indicar a quantidade e a amplitude das investigações desenvolvidas pelos muitos e diversos Grupos de Pesquisa cadastrados no CNPq com objeto e/ou tema em torno ao Ensino de Filosofia. Convém ponderar que mesmo tal indicação estatística não consegue dimensionar a quantidade de campos dos saberes, de temas, de atuações e de repercussões que estes grupos alcançam. Alguns destes grupos são constituídos por especialistas do âmbito da Educação, cujo trabalho com o Ensino de Filosofia é anterior cronologicamente ao que é feito pelos especialistas da Filosofia. Muitas investigadoras e investigadores do campo do saber da Educação contribuíram muito com a construção do objeto, da metodologia e dos problemas sobre o ensino de Filosofia antes mesmo que houvesse um GT ou mestrados específicos. Do território epistemológico da Educação recebemos um legado incalculável, e notadamente, hoje, a parceria entre Filosofia e Educação se mantém diligente, acentuando o caráter dialógico, plural e engajado de nossos olhares e caminhos. Com este reconhecimento, indicamos mais um tema importante para o ensino de Filosofia, a interdisciplinaridade, cuja compreensão se vincula à diversidade e à diferença e que desafia todas as áreas do conhecimento para

o diálogo epistêmico. Fica para a leitora e para o leitor mais esta questão para pensar...

### Considerações Finais

Perceber que se chegou ao final de um texto e não se possui uma conclusão para oferecer é situação comum nas ciências, notadamente, nas Humanidades, acentuadamente na Filosofia. O texto que agora finalizo cumpriu sua motivação inicial, implícita nos diversos convites que fiz à leitora e ao leitor, um convite para filosofar. Como afirmei na introdução, algumas questões aqui indicadas podem ser desenvolvidas de modo mais acurado, situações aqui descritas podem ser objeto de problematizações mais pontuais, argumentos aqui construídos podem ser desmantelados ou refutados, e em qualquer destas opções, o que será mantido é o movimento filosofante, que pode ser chamado de espanto, de dúvida, de suspensão, de deslocamento...

As características que eu reconheço e que imprimi a este texto coincidem com aquelas que reconheço no filosofar e que indiquei no seu desenvolvimento, a saber: há uma condução errática na construção deste texto, convocando quem lê a experimentar sair do seu próprio território epistêmico em vista de conhecer e visitar *territórios epistêmicos outros*; há nesta ação como há no filosofar certa atitude nômade, de um pensar que segue um itinerário possível, considerando que há outros para conhecer e

que pode, eventualmente, para lá migrar; há uma provocação a cada parágrafo cujo objetivo é mostrar que existe uma grande quantidade de problemas, de perspectivas e de conceitos no território da Filosofia, que podem se combinar e se reorganizar em infinitas possibilidades, isto é, o filosofar como movimento rizomático; há convocações distribuídas nas páginas do texto que têm o propósito de propor que o filosofar seja um exercício vivido em e a partir de uma vivência singular, mas também coletiva e circunstancial, ocupando-se com as condições e situações efetivas desta vivência, uma vez que o filosofar precisa ser o mais regional e engajado possível.

Não sei o que é a Filosofia, todavia, neste breve ensaio busquei evidenciar o que compreendo e vivencio quando filósofo e quando na sala de aula, como filósofo-docente proponho o exercício de filosofar às(aos) estudantes. De modo análogo, aqui provoço e convoco a leitora e o leitor a pensarem sobre seu próprio pensamento, convido-as(os) a filosofar a partir de suas vozes-olhares-corpos, cultivando simultaneamente o auscultar-fitar-(con)viver em *modos outros de filosofar e de ensinar a filosofar*.

Recebido em: 30/05/2020  
Aprovado em: 04/09/2020